

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## OS DIFERENTES DISCURSOS SOBRE O AUTISMO<sup>1</sup>

### THE DIFFERENT DISCOURSES ON AUTISM

Jéssica Paula Gonçalves<sup>2</sup>, Joana Beatriz Zimmermann Machado<sup>3</sup>, Julia Schock Teixeira<sup>4</sup>,  
Natália de Vargas<sup>5</sup>, Tamires da Costa Dias<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa realizado no curso de Psicologia da UNIJUÍ

<sup>2</sup> Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ

<sup>3</sup> Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ

<sup>4</sup> Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ

<sup>5</sup> Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ

<sup>6</sup> Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ

## OS DIFERENTES DISCURSOS SOBRE O AUTISMO

### Introdução

Esse artigo analisa os diferentes discursos sobre o Transtorno do Espectro Autista, partindo de uma abordagem organogênica através dos estudos da neurologia e da psiquiatria, e também psicogênica através da contribuição da psicanálise e da psicologia cognitivo comportamental, e de como a psicologia fenomenológica contribui para compreensão dos prejuízos nas funções psíquicas no sujeito autista. As principais contribuições e limitações dessas abordagens serão identificadas.

### Metodologia

Esta investigação foi realizada utilizando uma abordagem qualitativa. No que se refere à coleta de dados, foram realizados levantamentos bibliográficos a partir de livros e de artigos periódicos eletrônicos.

### Resultados e Discussões

Em 1911, Eugen Bleuer, Psiquiatra suíço, foi o primeiro a inserir na literatura médica o termo “autismo”. Para Bleuer o autismo era um distúrbio da consciência e estava associado à esquizofrenia. Mais tarde, o psiquiatra Leo Kanner, descreveu o autismo clássico, nos EUA, em 1943. Kanner relatou sua observação feita sobre 11 crianças, as quais compartilhavam determinados comportamentos e que caracterizavam-se como uma incapacidade inata para estabelecer contato afetivo e interpessoal, associada à obsessividade, estereotípias, ecolalia, dificuldades na linguagem e preferência por manter uma rotina (Kanner, 1943). Ademais, a partir da descrição de Kanner,

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

muitas teorias acerca da epidemiologia, classificação e reconhecimento do autismo contribuí, até hoje, de maneira substancial para o conhecimento dos aspectos que envolvem a biologia dos TID (Transtornos Invasivos do Desenvolvimento).

Hodiernamente, portanto, segundo os manuais psiquiátricos DSM-IV e CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças, 2004) o autismo é descrito como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e como Transtorno Global do Desenvolvimento. Ademais, muitas das características propostas por Leo Kanner (1943) sobre o autismo, constam, atualmente, nos Manuais Psiquiátricos. É de suma importância, ressaltar que as patologias associadas aos TID reforçam a ideia de que os traços do autismo podem ser provenientes de muitos danos no cérebro. A diversidade dessas disfunções pode ocorrer em consequência de etiologias diferentes ou devido a uma combinação de fatores ambientais. Além disso, vale destacar que a Neurologia compartilha dessas hipóteses a cerca da etiologia do autismo e também, acrescenta que as disfunções genéticas são provenientes de alguma falha na comunicação entre regiões do cérebro. Em 1980, alguns estudos de post-mortem iniciaram os estudos de neuroanatomia em autistas e, a partir disso foram descritas algumas alterações cerebrais:

enpzm. descritas alterações no lobo frontal medial, temporal medial, gânglios da base e tálamo (Damásio e Maurer, 1978, apud Moura et al, 2005). Os artigos sobre o tema relatam que pacientes autistas apresentam prejuízo em regiões cerebrais como o cerebelo, a amígdala, o hipocampo, gânglios da base e corpo caloso, no entanto, as anormalidades celulares e metabólicas permanecem desconhecidas (Bolivar et al, 2007; Devito et al, 2007; Minshew & Williams, 2007 apud Pereira, 2007). (Garcia e Mosquera, 2011, p. 108).

Já especificamente sobre a área genética, diversas pesquisas estão direcionadas na relação entre os genes e o autismo. O Projeto Genoma do Autismo (*Autism Genome Project*) da Aliança Nacional para Pesquisa sobre Autismo (*National Alliance for Autism Research – NAAR*) é um dos maiores estudos acerca do assunto. A partir de investigações é possível afirmar que a origem do autismo está ligada a um grupo de genes e da interação entre eles. (Silva, Gaiato, & Reveles, 2012). Ademais, vale salientar que alguns autores dividem o autismo em dois grupos:

1. O primeiro deles seria o autismo associado às síndromes genéticas bem determinadas, como a síndrome do X-frágil, a síndrome de Angelman, a esclerose tuberosa complexa, a fenilcetonúria, a síndrome de Down, entre outras. Pessoas que apresentam disfunções em determinado gene teriam uma chance maior de desenvolver o autismo. Nem todos os pacientes portadores dessas doenças genéticas desenvolvem o autismo, porém, a probabilidade de apresentarem o autismo ou traços dele é maior do que na população geral. Podemos concluir, então, que existe uma inegável relação entre alterações dos genes e as

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

formas como as pessoas se comportam, se comunicam e se relacionam socialmente.

2. O outro grupo seria o do autismo chamado idiopático, isto é, aquele que não teria outra doença genética associada. Para esse autismo, consideramos alguns genes que ainda estão em estudo e não foram plenamente identificados em uma relação de causa e efeito. Este, sem dúvida, é o grande desafio da genética atual. (Silva, Gaiato, & Reveles, 2012, p. 174).

Outrossim, existe a hipótese de que crianças com predisposição genética para o autismo possam sofrer influências de fatores ambientais também. O uso de medicamentos durante a gestação, e também, intoxicações alimentares, álcool, e o uso de substâncias abortivas. Entretanto, essa hipótese que considera fatores externos como possíveis causas do autismo, ainda não possui comprovação científica estabelecida. (Silva, Gaiato, & Reveles, 2012).

Além das bases biológicas que sustentam a etiologia do Transtorno do Espectro Autista a psicogênese é de suma importância para o reconhecimento do continuum autista.

Como não há ainda um marcador biológico confiável, para que a medicina possa se respaldar, se recorre ainda à observação que envolve o exame do comportamento, usando como parâmetro o desenvolvimento de crianças típicas, e com base nestes parâmetros se consegue identificar aquilo que não está presente e que deveria estar em determinada faixa etária, sobretudo nos três primeiros anos de vida e também a presença de comportamentos estereotipados.

A base da teoria cognitivo-comportamental é a observação do comportamento social relevante baseada na abordagem behaviorista de B. F. Skinner, cujo objetivo é adaptar o sujeito autista mediante a evolução de suas habilidades, pois trabalha aspectos da cognição e mudanças comportamentais, o que possibilita resultados mais satisfatórios.

A psicologia cognitivo-comportamental considera que as Funções Executivas, as Teorias da Mente, e da Coerência Central estejam essencialmente comprometidas nos quadros do TEA.

Cabe ressaltar que a terapia comportamental aplicada é considerada pela Sociedade Americana de Pediatria como a única abordagem baseada em evidências científicas de sua eficácia comprovada nos casos de TEA, sendo que em alguns estados norte-americanos a aplicação da terapia comportamental em crianças com TEA é garantida por lei.

Já a teoria psicanalítica aborda diferentes pressupostos teóricos para explicar o Transtorno do Espectro Autista, mas de modo geral visa descrever o funcionamento mental, os estados afetivos e o modo como essas crianças se relacionam com as pessoas.

A noção de que a 'retirada' do bebê para um mundo próprio seria uma consequência da falha na modulação das pulsões instintivas, na organização das suas reações formativas e defesas, o que impediria o desenvolvimento de uma verdadeira relação objetal. O autismo foi ainda compreendido como sendo, por exemplo: a) uma reação autônoma da criança à

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

‘rejeição materna’ cuja raiva leva a interpretação do mundo à imagem da sua cólera e à reação de desesperança (Bettelheim, 1967); b) uma cisão do ego precoce, ocasionando uma desorganização dos processos adaptativos e integrativos como falha na superação da posição paranoide (Klein, 1965); c) um sintoma dos pais em que a mãe é vista como um vazio de manifestações espontâneas de sentimentos (Kaufman, Frank, Friend, Heims & Weiss, 1962); d) uma forma de ausência completa de fronteira psíquica decorrente de uma falta de diferenciação entre o animado e o inanimado (Mazet & Lebovici, 1991); e, e) consequência de severas dificuldades em formar representações ícones entre as primeiras representações mentais e áreas somáticas (Aulagnier, 1981, citada por Maratos, 1996). (Bosa & Callias, 2000)

É visível que muitos psicanalistas não apoiaram a especulação da culpabilização das mães, visto que o autismo seria o resultado de uma falta de experiências vitais na infância, cuja origem pode ter suas raízes em fatores intrínsecos, extrínsecos, ou em ambos. A Psicanálise não descarta a hipótese biológica, contudo refuta a dicotomia orgânico/psíquico.

Contudo, acredita-se que a psicopatologia fenomenológica possa contribuir para o entendimento das disfunções psíquicas, condição comum nos afetados pelo TEA. As funções psíquicas afetadas pelo TEA, a saber: Orientação, Atenção, Memória, Consciência, Conação, Impulso e Vontade, Psicomotricidade, Sensopercepção, Representação, Linguagem, Inteligência, Pensamento, Afetividade, Consciência do eu, Autocrítica e Instinto.

Faz-se importante destacar, que o atraso do desenvolvimento da Psicomotricidade, da Sensopercepção e da Linguagem são as características mais visíveis, e que fazem com que os pais procurem o auxílio de um neuropediatra. “Dentre o elemento que mais chama atenção é a integração sensorial, processo neurológico que torna possível o uso eficiente do corpo no ambiente um grande e frequente prejuízo na dimensão sensoperceptiva em pessoas com TEA” (Camargos, 2018).

Para Camargos (2018), a perspectiva da psicopatologia fenomenológica é de proporcionar uma real compreensão do Transtorno do Espectro Autista, enquanto transtorno psiquiátrico, não para classificar o TEA nos antigos conceitos de neuroses, e nem nos atuais das psicopatias e psicoses, mas como outra estruturação psíquica.

## Considerações Finais

Pode-se dizer, portanto, que ao longo do tempo o autismo foi tratado de diferentes maneiras dentro da medicina e, também, da psicologia, evidenciando a complexa trajetória até a atualidade. Ademais, é válido ressaltar que questões as quais envolvem o diagnóstico e a origem do autismo estão sendo pesquisadas e analisadas hodiernamente, pois trata-se de um transtorno do desenvolvimento que ainda apresenta lacunas, das quais não se possui todas as respostas. Além disso, a partir dessa pesquisa foi possível perceber que há um importante questionamento acerca do assunto exposto, o

**Evento:** XXVIII Seminário de Iniciação Científica

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

qual nos propõe uma nova reflexão: quais as consequências que a existência de diferentes teorias sobre a etiologia e tratamento do autismo podem causar para esse indivíduo e seus cuidadores?

**Palavras-chave:** autismo, transtorno do desenvolvimento, diferentes abordagens.

## Referências

ALVARENGA G. C. S. (2017) Autismo Leve e Intervenção na Abordagem Cognitivo-Comportamental. (Trabalho de Conclusão de Curso Lato Sensu) Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental – CETCC, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de: <https://www.cetcc.com.br/wp-content/uploads/2017/11/2017-21-GIULIA-CRISTINE-SOUZA-ALVARENGA.pdf>

BOSA & CALLIAS (2000) Autismo: Breve Revisão de Diferentes Abordagens. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000100017>

CAMARGOS, W. (2018). Psicopatologia Fenomenológica Descritiva do Transtorno do Espectro do Autismo/ Autismo Infantil (1ª ed.). Belo Horizonte: Artesã.

GADIA, TUCHMAN, ROTTA & NEWRA (2004) Autismo e Doenças Invasivas de Desenvolvimento. (Artigo de Revisão) Sociedade Brasileira de Pediatria, Jornal de Pediatria, Porto Alegre, RS, Brasil.

GOMES, COELHO & MECCIONE (2016) Estratégias de Intervenção Sobre os Transtornos do Espectro do Autismo na Terapia Cognitivo Comportamental: Análise da Literatura. Recuperado de <http://portal.estacio.br/media/3727389/estrat%C3%A9gias-de-interven%C3%A7%C3%A3o-sobre-os-transtornos-do-espectro-do-autismo-na-terapia-cognitivo-comportamental.pdf>

HÜBNER M. (Julho 2018, Junho 23). Novos Desenvolvimentos da Análise do Comportamento aplicada (para TEA). Recuperado de <https://brainvideos.com.br/aula/06-novos-desenvolvimentos-da-analise-do-comportamento-aplicada-para-tea/>

KANNER, L. (1943) Autistic Disturbances of Affective Contact. Nervous Child. (2ª ed.). New York. p. 217-250.

MARFINATI & ABRÃO. (2014) Um Percurso Pela Psiquiatria Infantil: dos Antecedentes Históricos à Origem do Conceito Autismo. (Artigo de Revisão) São Paulo, SP, Brasil.

STELZER F. (2010) Uma Pequena História do Autismo. (1a. ed.) São Leopoldo: Editora Oikos.